

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

CÉSAR AQUINO BEZERRA

**A TRAJETÓRIA DO MISSIONÁRIO CLINTON THOMAS ENTRE OS EUA E O  
BRASIL E A IGREJA DE CRISTO EM URUCARÁ-AM (1956-1996)**

PARINTINS – AM

2019

CÉSAR AQUINO BEZERRA

**A TRAJETÓRIA DO MISSIONÁRIO CLINTON THOMAS ENTRE OS EUA E O  
BRASIL E A IGREJA DE CRISTO EM URUCARÁ-AM (1956-1996)**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História, sob a orientação do Prof. Dr. Júlio Claudio da Silva, apresentado a Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Parintins.

PARINTINS - AM

2019



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS CESP/UEA

Ata de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de  
Licenciatura Plena em História da Universidade do Estado do  
Amazonas

Aos 04 de novembro de 2019, no Laboratório de História, no Centro de Estudos Superiores de Parintins, localizado na Estrada Odovaldo Novo s/n, realizou-se a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: A trajetória do missionário Clotilde Thomas entre os EUA e o Brasil e a Igreja de Cristo em Uruarã-AM (1956-1996) do (a) acadêmico (a) César Aquino de Bezerra. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof Dr Júlio Claudio da Silva/UEA (presidente), Profº Drº João Marinho da Rocha/UEA e a Prof. Dr. Deilson do Caro Trindade/IFAM. O (a) presidente (a) da banca examinadora deu início à sessão e informou sobre o procedimento do exame. A palavra foi facultada ao acadêmico para apresentar uma síntese de sua pesquisa e responder às perguntas formuladas pelos membros da Banca Examinadora. Após apresentação e arguição pelos membros da Banca Examinadora, esta se reuniu e deliberou que o TCC em questão foi Aprovado. A sessão foi encerrada. Eu, Júlio Claudio da Silva (orientador/presidente (a) da Banca) lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos membros da Banca Examinadora e pelo (a) acadêmico (a).

Parintins, 4 de novembro de 2019

Banca Examinadora	Notas
 Júlio Claudio da Silva (Presidente)	10,0
 João Marinho da Rocha (Membro)	10,0
 Deilson do Carmo Trindade (Membro)	10,0

Média Final: 10,0

/Acadêmico (a)

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Francivaldo e Lidia, e aos meus irmãos, que mesmo distantes, estão do meu lado e deram seu amor, compreensão e ânimo. É a vocês que procuro honrar.

À Júlio Claudio da Silva, por sua orientação e amizade, desde o segundo período.

Aos professores do Colegiado de História, que se tornaram inspiração e amigos, e ao Centro de Estudos Superiores de Parintins, por me ajudarem a viver um sonho e a sonhar ainda mais.

À Geize Vieira, a quem devo todas as aberturas, para PAIC e TCC. Minha gratidão também à Osilene e Enzo, por me receberem em sua casa durante as viagens.

À família de Clinton Thomas, que me permitiu conhecer e escrever sobre a trajetória desse missionário, e compreender parte da história de Urucará.

Aos amigos, *Gatófilos* e *Ninho do Carcará*, quis desistir de vocês vezes sem fim, mas estivemos juntos até o fim. E à turma His16, incrivelmente chegamos aqui sem muito ódio.

À Gyane Karol Leal, quem primeiro, junto com José Roberto Oliveira, tornaram possível eu sair de Canutama sem conhecer nada de Parintins, apenas com coragem e medo. Inimaginável essa caminhada.

## RESUMO

Nosso trabalho investiga a trajetória do missionário Clinton Thomas, dos EUA ao Brasil, entre as décadas de 1950-1990. Esta pesquisa ancora-se na metodologia da História Oral, que, através de entrevistas, possibilita o registro do processo de construção de memórias ou memórias compartilhadas sobre eventos históricos ocorridos no tempo presente. A Igreja de Cristo nasceu nos Estados Unidos, no início do século XIX, espalhando-se para outras nações, e instalando-se no Centro-Oeste do Brasil em 1948. Clinton Benjamin Thomas (1930-2007) e Phyllis Eleanor Thomas (1934), naturais de Williamsport, Pensilvânia, iniciaram seu serviço missionário na região Norte em 1956. Em 1965, com seus três filhos, chegam em Urucará, Amazonas, para fundar a primeira igreja protestante da cidade, em um momento que a presença da Igreja Católica, e até do próprio Estado, era frágil na região. As ações dos missionários em Urucará, na religiosidade, saúde, mecânica e educacional, se desenvolveram durante três décadas. Dessa forma, este artigo registra e analisa memórias sobre a trajetória de Clinton Thomas, a atuação religiosa e social do pastor Clinton e da igreja evangélica no Baixo Amazonas, suas relações e tensões com os moradores da cidade, com a Igreja Católica e as autoridades.

**Palavras-chave:** Clinton Thomas, Urucará, Igreja de Cristo, História Oral, Protestantismo na Amazônia.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA: ouvindo as vozes .....	7
CLINTON THOMAS E A IGREJA DE CRISTO .....	10
O MISSIONÁRIO EM URUCARÁ E O(S) CRISTIANISMO(S).....	14
“ <i>TODO MUNDO PRECISAVA DELE</i> ”: a inserção social.....	20
AS TENSÕES: mais que alto-falantes? .....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	27

## INTRODUÇÃO

A maior parte das investigações sobre o cristianismo na Amazônia ainda tende a concentrar-se na religião católica, contudo, trabalhos como os de Carvalho (2015), Oliveira e Pinto (2017, 2019), e Torres Neto (2019), têm buscado perceber a entrada de agentes protestantes na região; assim, o presente artigo volta-se a investigar a atuação religiosa e social de um missionário protestante na região Norte do Brasil.

Apesar de pequenas incursões de invasores protestantes nos séculos anteriores, a presença protestante se faz notar na Amazônia brasileira no século XIX. O período de inserção protestante, no pós-Cabanagem (1835-1840), é marcado pelo crescimento da economia gomífera, com conseqüente aumento demográfico e desenvolvimento das capitais Belém e Manaus (OLIVEIRA; PINTO, 2017). Registros de viajantes a partir de 1853 indicam que a Amazônia se tornara destino das missões protestantes norte-americanas, não apenas por motivações proselitistas, segundo Oliveira e Pinto (2017), mas também por razões comerciais, pois as potências estrangeiras reconheciam a importância da Amazônia e o abandono desta pelo Estado. Missionários protestantes conjecturavam, devido ao ardor republicano do Norte, até uma separação do Brasil Imperial e a formação de uma república, e por isso aspiravam que “o protestantismo se tornasse conhecido pelos moradores locais, antes da Amazônia tornar-se independente do restante do Brasil” (*ibidem*, p. 105). Os estrangeiros também ansiavam pela abertura do rio Amazonas à navegação e ao comércio internacional. Nos relatos dos primeiros missionários na Amazônia, conforme Oliveira e Pinto (2017, p. 106), é possível considerar que “a ideia de um povo escolhido por Deus para espalhar a fé cristã ao mundo desprovido do protestantismo não está dissociada das ideias de progresso norte-americano”, desvelando uma mentalidade civilizadora.

O proselitismo protestante apenas se tornou possível após a proclamação da República, ancorado nas ideias de estado laico e liberdade religiosa. Lopes (2010) retrata como a expansão daquele movimento religioso, aliado à atuação maçônica, foram percebidos como ameaças à consolidação da hegemonia católica. Os bispos católicos percebiam o protestantismo como um perigo não apenas doutrinário, mas também geopolítico, diante da “possibilidade da Amazônia se transformar em uma espécie de colônia de imigrados norte-americanos” (LOPES, 2010, p. 44). É nesse contexto que Dom Frederico Costa (1875-1948), tanto na Prelazia de Santarém quanto na Diocese de Manaus, denunciava a presença dos estrangeiros protestantes e sua outra forma de cristianismo como uma ameaça à integridade do território brasileiro e precisava ser

combatida. Os chamados bispos romanizantes ou reformadores se empenharam para manter seus espaços (LOPES, 2010; MACIEL, 2014), rearticulando-se em alianças com as elites e agindo para expandir a Igreja Católica pelo território amazonense. Uma das estratégias dos bispos foram as viagens pastorais pelo seu território eclesiástico, que além dos objetivos religiosos mais imediatos, “procuravam atender a um objetivo mais geral, ligado à política expansionista em direção a territórios de missão” (LOPES, 2010, p. 52). Essa política expansionista da Santa Sé expressou-se na criação da Diocese de Manaus, em 1892, além de Prefeituras Apostólicas e Prelazias na Amazônia. A percepção de “que só a diocese não é suficiente para abarcar uma vasta região, que além de estar sendo alvo da modernidade, tem agudas necessidades espirituais” (MACIEL, 2014, p. 209) dirigiu a ocupação desses espaços.

Na análise de Oliveira e Pinto (2017), o protestantismo amazônico configura-se como missionário e conversionista, ou seja, realizado por estrangeiros, que vêm à região em busca de conversões. Através do trabalho dos primeiros missionários, foram preparadas as bases para as igrejas evangélicas estabelecerem-se no Norte do Brasil, como a Igreja de Cristo em Urucará. Junto a isso, a segunda metade do século XX parece ter sido marcada pelo empenho da Igreja Católica em garantir, junto aos fiéis do Baixo Amazonas, a hegemonia das doutrinas do cristianismo estabelecida por Roma (CAMPOS, 1995; MAUÉS, 1995, 2011; CERQUA, 2009). Nesta conjuntura de possíveis tensões e tentativa de controle da Igreja Católica sobre os seus fiéis, a família do norte-americano Clinton Thomas chega a Urucará em 1965, instalando uma missão religiosa, fundadora da primeira igreja protestante da cidade (BEZERRA; SILVA, 2018a, 2018b).

Em agosto de 2017, tivemos o primeiro contato com a história de Clinton Thomas, durante reunião de orientação. Uma colega, natural de Urucará, nos contou sobre a família de missionários norte-americanos que fundou a primeira igreja evangélica da cidade, bem como sua atuação na área médica por décadas. As primeiras perguntas que fizemos envolveram o contato entre os cristianismos: qual efeito teve a atuação da Igreja de Cristo sobre o catolicismo em Urucará? Como eram as relações entre missionários e padres? Houve embates, até mesmo físicos, entre as duas religiões? Com esses questionamentos iniciais, lançamo-nos ao desafio de escrever parte da história da Amazônia, a partir dessa trajetória, com fontes orais, colaboradores do pastor Clinton Thomas, e fontes oficiais dos sites da Igreja de Cristo.

## **HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA: ouvindo as vozes**

Com nosso recorte entre os quarenta anos de Clinton Thomas no Brasil, de 1956 a 1996,



nos enquadrados no que Motta (2012) denomina história do tempo presente. Por séculos, a historiografia rejeitou a possibilidade de escrever uma história do tempo presente, pois incluiria o uso da memória, acusada de subjetiva, e clamava-se sempre pelo necessário afastamento, possível somente nos documentos escritos e fontes oficiais. Entretanto, as discussões historiográficas do século XX inseriram a memória, e conseqüentemente o tempo presente (MOTTA, 2012, p. 34), no território do historiador, permitindo a construção de “uma narrativa científica acerca do que vivemos, do que estamos consagrando como memória e, por contraste, do que estamos esquecendo”, entre esses, processos e trajetórias como a de Clinton Thomas.

A memória é seletiva, nos assegura Pollak (1992), pois não é tudo que fica gravado ou registrado. Ela não pertence apenas ao indivíduo, pois, em parte, ela é herdada. Ela tem flutuações, dependentes das motivações pessoais ou políticas em que é expressa. Estando em contínua construção, social e individualmente, a memória, consciente ou inconscientemente, organiza o que quer gravar, recalcar, excluir ou relembrar. A partir dessa percepção, Pollak afirma a memória como elemento que constitui o sentimento de identidade, quer individual, quer coletivo. Entretanto, memória e identidade são negociadas, e enfrentam disputas em confrontos sociais e intergrupais. Esse caráter conflitivo se faz presente em memórias familiares, de grupos menos formais, em grupos políticos ou ideológicos, onde se embatem objetivos, conflitos, litígios, como aliás, pode ser a trajetória de Clinton Thomas.

A metodologia para os estudos na história do tempo presente e a memória, conhecida como História Oral, permite registrar testemunhos e acessar “histórias dentro da história”, expandindo interpretações sobre o passado (ALBERTI, 2014, p. 155). Através dessa abordagem, são realizadas entrevistas “com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (*ibidem*). A História oral “não é solução para todos os problemas” (*ibidem*, p. 165), mas, ao estudar as experiências que esses indivíduos efetuaram e elaboraram, é possível problematizar generalizações sobre acontecimentos e conjunturas. A entrevista pode ampliar a percepção histórica, e permitir a “mudança de perspectiva” (*ibidem*, p. 166), ouvindo vozes antes não privilegiadas pela historiografia.

Na história oral, a entrevista é, “ao mesmo tempo, um relato de ações passadas e um resíduo de ações desencadeadas na própria entrevista” (ALBERTI, 2014, p. 169). Portanto, a entrevista nasce da interação entre o entrevistado e o entrevistador – dois autores – e, pela narração, o entrevistado transmite o acontecimento que viveu, ou seja, “ele se constitui (no sentido de tornar-se algo) no momento mesmo da entrevista” (ALBERTI, 2014, p. 171). Assim, quando o entrevistador conta suas experiências, transforma-as “em linguagem, selecionando e

organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido” (*ibidem*), dando forma ao que tomaremos como uma fonte oral.

Para Alessandro Portelli (2010, p. 19), “a narração oral da história só toma forma em um encontro pessoal causado pela pesquisa de campo”. É apenas no diálogo entre a fonte e o historiador, que aquilo que está guardado na memória será relembrado, organizado e narrado. Com as provocações do entrevistador, o narrador pode ser levado a explorar setores e aspectos da sua experiência, antes mantidos longe quando relata suas histórias aos seus conhecidos.

Não sendo a narração um fim em si mesmo, já que visa a produção de um documento, o espaço da entrevista institui o que Portelli (2010) chama de “bipolaridade dialógica”, pois dois sujeitos estão face a face, com a mediação de um microfone. Quando “os dois se olham” (*ibidem*, p. 20), o pesquisador olha para sua fonte, o narrador olha para seu entrevistador, e, portanto, por suas percepções, durante essa “troca de olhares”, irá modelar seu discurso.

Motta (2012), todavia, alerta ao equívoco de considerarmos memória e história como sinônimas; assim, persiste a necessidade de uma reconstrução crítica e não somente restaurar memórias, compreendendo que estas tanto são fontes históricas quanto fenômenos históricos. As memórias não apenas possibilitam uma compressão do passado, mas, “atuam no tempo presente, e, no terreno da atualidade” (FERREIRA, 2012, p. 183), o que provoca atenção ao papel do historiador. Ferreira (2012, p. 184) adverte que “o historiador não tem o monopólio sobre a memória, mas ele detém instrumentos para lidar com a pluralidade e a fragmentação dela”. Como fonte, a entrevista não pode ser tomada como “a revelação do real” (ALBERTI, 2014, p. 158), mas, precisa ser interpretada e analisada.

Silva (2016), registra que a História Oral tem se consolidado no estudo de questões da história recente da Amazônia, afirmando a produção do conhecimento acadêmico como contribuição para o desenvolvimento do interior do país. Seguimos Ana Pizarro (2012), reconhecendo que a Amazônia é resultado de séculos de discursos construídos, no imaginário da sociedade branca, que tratou de elaborar textos e falas sobre a região; portanto, nossa proposta é dar ouvidos aos discursos construídos pelas próprias comunidades amazônicas.

A complexidade da Amazônia comporta muitas vozes, vozes “de tons distintos, diferentes estéticas, diferentes propósitos”, que revelam a multiplicidade de um universo com diversidade humana e social, com aproximações e tensões (PIZARRO, 2012, p. 254). Concomitantemente, se ouvimos discursos que nascem em uma perspectiva colonial, vendo a Amazônia como carente da intervenção estrangeira, precisando de ajuda e visão, o presente trabalho enquadra-se nos estudos que procuram ouvir as vozes da Amazônia, para estudar suas próprias narrativas. Portanto, com as fontes orais, lançamo-nos ao desafio de ouvir as vozes

plurais da Amazônia, para a partir de suas memórias, apreender os processos históricos, religiosos, sociais e culturais envolvidos na trajetória de Clinton Thomas.

Amparados nessas reflexões teóricas, na tessitura desse artigo, estaremos em diálogo com dois colaboradores. Thomas Joel Thomas, nasceu em 11 de janeiro de 1964, no estado do Colorado, Estados Unidos. Conhecido como “Tomé”, ele trabalhou em fábricas e oficinas de mecânica nos Estados Unidos e Brasil. Casado, voltou a residir em Uruará em 2015. Tomé contava com 53 anos na ocasião de nosso encontro.<sup>1</sup> Renato Braga Vieira nasceu em 06 de janeiro de 1948, em Uruará, Amazonas. No momento da entrevista, contava com 70 anos. Seu Renato é casado, aposentado, ainda reside em Uruará, e trabalhou com a família Thomas durante 29 anos, como marceneiro e outros serviços manuais.<sup>2</sup>

## CLINTON THOMAS E A IGREJA DE CRISTO

Clinton Benjamin Thomas nasceu em 28 de setembro de 1930, em Williamsport, no estado da Pensilvânia, filho de Benjamin e Lucinda Thomas, e formou-se no Johnson Bible College<sup>3</sup> em 1955.<sup>4</sup> Sua companheira, Phyllis Eleanor Thomas, nasceu em 26 de dezembro de 1934, também em Williamsport.<sup>5</sup> Desenvolveram sua experiência e trajetória religiosa na Igreja de Cristo na Pensilvânia, segundo Tomé Thomas: “Desde criança, iam na mesma igreja”, e após o casamento “foram juntos para o colégio, como casal”. O casal Thomas teve três filhos: Timothy Benjamin Thomas, Theodor Andrew Thomas e Thomas Joel Thomas. Respectivamente, nasceram em “56 o Timóteo, Teodoro em 59 e eu sou de 64”.<sup>6</sup>

As igrejas dos chamados Movimento de Restauração ou Movimento Stone-Campbell traçam sua história desde os pré-reformadores John Wycliff (1320-1384) e Jan Huss (1369-1415), que rejeitaram diversas doutrinas e práticas da Igreja Católica Romana, seguindo para a Reforma Protestante, a partir de Martinho Lutero (1483-1546), com suas 95 Teses, bem como Ulrich Zwinglio (1484-1531) e João Calvino (1509-1564), que defendiam que cada crente pudesse ler e interpretar a Bíblia. Aludem também aos puritanos, que enfatizavam formas e padrões neotestamentários, e influenciaram igrejas batistas e outros movimentos que surgiram

<sup>1</sup> Dados a partir de entrevista realizada com Thomas “Tomé” Joel Thomas, em 19/08/2017, em Uruará/AM.

<sup>2</sup> Dados a partir de entrevista realizada com Renato Braga Vieira, em 19/12/2018, em Uruará/AM.

<sup>3</sup> Fundado por Ashley e Emma Johnson, o seminário nasceu em 1893 como The School of the Evangelists, em Knoxville, sendo renomeado como Johnson Bible College em 1909. Em 2011, tornou-se Johnson University. Disponível em <http://history.johnsonu.edu/index.html>. Acesso em 10/05/2018.

<sup>4</sup> BRAZIL CHRISTIAN WIKI. **Clinton and Phyllis Thomas**. Disponível em [http://en.brazilchristianwiki.org/wiki/Clinton\\_and\\_Phyllis\\_Thomas](http://en.brazilchristianwiki.org/wiki/Clinton_and_Phyllis_Thomas). Acesso em 15/08/2017.

<sup>5</sup> Cf. Figura 2, nos Anexos.

<sup>6</sup> Entrevista realizada com Thomas “Tomé” Joel Thomas, em 19/08/2017, em Uruará/AM.

nos séculos XVIII e XIX nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, o pietismo alemão, o metodismo na Inglaterra e os grandes despertamentos nos Estados Unidos exerceram suas marcas nesses movimentos religiosos norte-americanos que buscavam um retorno ao cristianismo primitivo, unidade dos cristãos e valorização da Bíblia.<sup>7</sup> Assim, esse Movimento põe-se como herdeiro de outros processos religiosos protestantes, à procura de uma restauração do que ansiavam como legitimamente bíblico.

Em 1801, Barton Stone (1772-1844) e outros pastores presbiterianos iniciaram um avivamento, reunindo milhares de pessoas. Expulsos da denominação, formaram em 1804 um movimento com “o propósito de unir todos os crentes em uma só igreja”. Assim nasceu a Igreja Cristã/Igreja de Cristo (*Christian Church/Church of Christ*), cujos membros preferiam ser chamados apenas de “Cristãos”. Um grupo semelhante foi organizado em 1809, pelo também presbiteriano Thomas Campbell (1763-1851), a partir da publicação de um documento conhecido como “Declaração e Discurso”. Seu filho, Alexander Campbell (1788-1866), viria a assumir a liderança do movimento, tendo outra personalidade pioneira ao seu lado, Walter Scott (1796-1861). Os seguidores dos Campbell defendiam o termo “Discípulos de Cristo”. Apesar de suas diferenças internas, os movimentos liderados por Stone e pelos Campbell perceberam seus objetivos comuns. Assim, no fim de semana do ano-novo de 1832, os movimentos se uniram, refletindo um de seus lemas mais antigos: “No essencial, unidade; nas opiniões, liberdade; em todas as coisas, o amor”. Suas congregações locais são conhecidas como Igrejas de Cristo ou Igrejas Cristãs. A necessidade de organização levou, ainda durante o tempo de vida dos fundadores, à cooperação entre as igrejas locais para levar adiante atividades missionárias. A criação das sociedades missionárias iniciou a expansão do movimento pelos Estados Unidos e para outros países, resultando na presença de igrejas do movimento por todo o planeta.<sup>8</sup>

A permissão de teologia e práticas plurais acarretou o surgimento de três correntes no interior da Igreja de Cristo/Cristãs nos Estados Unidos. A primeira corrente nasceu em 1906, constituída por um grupo radical, conhecido como *A Capella*. Dois novos grupos surgiram entre a década de 1920 e 1968. O grupo mais liberal e ecumênico, reestruturou-se como *Discípulos de Cristo*, enquanto uma terceira corrente formou a comunhão conhecida como *Discípulos independentes*. É nesse grupo que nossos estudos se concentram. Contudo, as congregações dos três grupos apresentam-se como Igrejas de Cristo/Cristãs, referindo-se às correntes apenas

<sup>7</sup> AGOSTINHO JÚNIOR, Pedro. **Nossa herança histórica**. Movimento de Restauração. Disponível em <http://movimentoderestauracao.com/2007/04/25/nossa-heranca-historica/>. Acesso em 17/10/2018.

<sup>8</sup> AGOSTINHO JÚNIOR, Pedro. **Introdução à História do Movimento de Restauração de Stone e Campbell**. Movimento de Restauração. Disponível em <http://movimentoderestauracao.com/2008/05/26/introducao-a-historia-do-movimento-de-restauracao-de-stone-e-campbell/>. Acesso em 20/08/2017.

quando necessário identificar-se.<sup>9</sup>

No final da década de 1920, a primeira iniciativa missionária da Igreja de Cristo no Brasil foi das igrejas *A Capella*, que enviaram três missionários para o Nordeste, Orlando Boyer, Virgil Smith e Bernard Johnson. Eles estabeleceram vinte igrejas em Pernambuco, Ceará e Alagoas. Contudo, devido à falta de apoio, os trabalhos terminaram sendo fechados ou tornando-se pentecostais, enquanto os missionários se uniram às nascentes Assembleias de Deus.<sup>10</sup> Em 1948, os *Discípulos independentes* enviaram o casal Lloyd David Sanders e Ruth Edna Sanders. Quando ainda era seminarista, David teria tido um sonho, em que era chamado como missionário para uma cidade chamada Brasília, da qual nunca ouvira falar e não estava em nenhum mapa. Os Sanders desembarcaram no Rio de Janeiro em 25 de março de 1948, com destino à futura capital. Ainda não falavam uma palavra em português e hospedaram-se com a família Boyer, que tinham contatado antes. Dois meses depois partiram para o Centro-Oeste: primeiro Anápolis, depois para Goiânia, onde esperariam a construção da cidade do sonho, Brasília.<sup>11</sup> Ao chegar ao Brasil, a Igreja de Cristo já era uma organização religiosa histórica, estabelecida e consolidada no seu país de origem, o qual destaca-se por ter uma sólida tradição protestante. Mas, o caso do Brasil era oposto. A Igreja Católica, firmada em séculos de domínio no campo religioso brasileiro, desde o fim do Império era abalada pelos novos grupos religiosos, livres constitucionalmente para agir, mas ainda sem grande alcance. Segundo uma estatística do movimento protestante no Brasil, a membresia estimada de protestantes em 1950, pouco após a chegada dos Sanders ao país, era de 673.204 pessoas, saltando para 3.257.501 em 1965, ano do estabelecimento da Igreja de Cristo em Urucará (HOLLAND, 2017).<sup>12</sup>

Em Goiânia, no bairro Vila Nova, os Sanders instalaram a primeira Igreja de Cristo, como são conhecidas as congregações, em 7 de setembro de 1948. Outros missionários foram enviados ao Brasil, enquanto em 1953 outra denominação, com treze igrejas, uniu-se ao movimento. Mais missionários chegaram ao Brasil nas décadas de 1960 e 1970, e igrejas foram

---

<sup>9</sup> *Idem.*

<sup>10</sup> AGOSTINHO JÚNIOR, Pedro. **Esboço da presença dos três principais ramos do Movimento de Restauração no Brasil.** Movimento de Restauração. Disponível em <http://movimentoderestauracao.com/2008/04/14/esboco-da-presenca-dos-tres-principais-ramos-do-movimento-de-restauracao-no-brasil/>. Acesso em 20/04/2018.

<sup>11</sup> Sem autor identificado. **Um Breve histórico sobre Lloyd David Sanders.** Movimento de Restauração. Disponível em <http://movimentoderestauracao.com/2009/02/12/um-breve-historico-sobre-lloyd-david-sanders/>. Acesso em 17/10/2018.

<sup>12</sup> Agostinho Júnior (*Op. cit.*) registra que apenas na segunda metade da década de 1950 o movimento *A Capella*, marcado pela rejeição aos instrumentos musicais, retomou missões no Brasil. Em 2008 contavam com cerca de 120 congregações espalhadas pelo país. O ramo *Discípulos de Cristo*, de tendência liberal e ecumênica, não possui igrejas locais no Brasil. Em 1968, um de seus missionários envolveu-se em um trabalho social em Pernambuco. Em 2008, existiam dois trabalhos sociais com presbiterianos e metodistas.

estabelecidas em outros estados. A própria Igreja de Cristo em Brasília foi inaugurada pelos Sanders, em 21 de abril de 1960. Líderes nacionais começaram a surgir, e vieram a assumir a direção da igreja no Brasil. Algumas igrejas brasileiras foram alcançadas pelo Pentecostalismo, mas, sendo igrejas independentes umas das outras, isso não resultou em uma divisão. A maior parte das congregações da Igreja de Cristo no Brasil estão em Goiás e no Distrito Federal, mas também em outros estados, além de projetos missionários, instituições teológicas, assistência social, o Concílio das Igrejas de Cristo no Brasil, e outras frentes de atuação.<sup>13</sup>

A igreja brasileira desempenha um papel de proeminência diante do crescimento mundial do Movimento de Restauração, como demonstrado pela World Convention of Churches of Christ<sup>14</sup>, sediada em Nashville, Tennessee. Em 2008, a celebração dos sessenta anos da Igreja de Cristo no Brasil teve lugar em Goiânia, com a presença de líderes de todo o Brasil, representantes do governo e o secretário geral/diretor executivo da World Convention, que encerrou a comemoração. Cinquenta pessoas foram ordenadas para o ministério e a obra missionária, em cerimônia dirigida pelo então presidente nacional, Victor Hugo Queiroz. O pioneiro, David Sanders, foi honrado por seu ministério.<sup>15</sup> De 25 a 28 de julho de 2012, Brasília sediou a 18º Convenção Mundial das Igrejas de Cristo, “Compartilhando o amor que nos une”, com representantes de vários países.<sup>16</sup> Nas estimativas da World Convention, a Igreja de Cristo no Brasil, com todos os ramos presentes no país, totalizava, em 2017, 620 congregações e 117 mil pessoas. A nível mundial, mais de 104 mil igrejas e mais de 10 milhões de fiéis.<sup>17</sup>

Os registros da Igreja de Cristo indicam que 87 famílias de missionários foram enviadas ao Brasil entre 1948-1998<sup>18</sup>, entre os quais Clinton Thomas e sua família. Questionado sobre porque seus pais foram enviados como missionários para o Norte do Brasil, Tomé Thomas narra: “Meu pai era um mecânico de aviação, que a missão tinha um avião. Só que quando ele chegou aqui não precisaram mais dele”. “Ele veio em 54, mas ele voltou né”, depois disso, “ele voltou para o Estados Unidos, vendeu as coisas e voltou em 56”. Em outra fala, reitera que “na

<sup>13</sup> AGOSTINHO JÚNIOR, Pedro. **Introdução à História do Movimento de Restauração de Stone e Campbell**. Movimento de Restauração. Disponível em <http://movimentoderestauracao.com/2008/05/26/introducao-a-historia-do-movimento-de-restauracao-de-stone-e-campbell/>. Acesso em 20/08/2017.

<sup>14</sup> A World Convention (Convenção Mundial) reúne a cada quatro anos igrejas e membros das três correntes.

<sup>15</sup> WORLD CHRISTIAN. **Brazilian Churches celebrate 60 years**. Issue 59, March 2009.

<sup>16</sup> AGOSTINHO JÚNIOR, Pedro. **18º Convenção Mundial das Igrejas de Cristo – “Compartilhando o amor que nos une”**. Movimento de Restauração. Disponível em <http://movimentoderestauracao.com/2012/08/18/18a-convencao-mundial-das-igrejas-de-cristo-compartilhando-o-amor-que-nos-une/>. Acesso em 16/10/2018.

<sup>17</sup> WORLD CONVENTION. **Number of Stone-Campbell Churches and Adherents Worldwide 2017 (alphabetically by country)**. Disponível em <https://www.worldconvention.org/resources/profiles/59-countries-nations-and-dependencies-with-no-s-c-presence-out-of-254-in-the-world/number-of-churches-and-adherents-worldwide-alphabetically-by-country/>. Acesso em 16/10/2018.

<sup>18</sup> O MENSAGEIRO DAS IGREJAS DE CRISTO, abril a julho/1998, p. 2. Acervo pessoal/GEHA/CESP.

primeira vez ele voltou, vendeu as coisas que tinha lá e... veio”. Afirma que Clinton “gostou do Brasil e quis voltar”. O aprendizado do português “pra eles foi difícil, porque ele não sabia e nem ela, tinham que aprender aqui”; além disso, Clinton Thomas manteve “um sotaque pesado” durante toda sua morada no Brasil.<sup>19</sup>

Segundo Tomé Thomas, seus pais conheceram o casal fundador da Igreja de Cristo no Brasil, os missionários David e Ruth Sanders: “ele conhece essa família sim”. O encontro teria se dado no Pará, quando “o papai servia em Belém”. Os primeiros campos missionários dos Thomas foram as capitais de Belém e Macapá.<sup>20</sup> Permaneceram em Belém “na faixa de 2 anos”, onde nasceu o primeiro filho: “ela veio grávida lá dos Estados Unidos”. Como “os missionários queriam que ele trabalhasse no outro lado do rio, em Macapá”, a família Thomas mudou-se para o Amapá: “lá onde o segundo irmão nasceu em Macapá, tinha casa, igreja lá”. Além disso, o pastor “tinha um motor de popa e ele atravessava lá pela ilha de Marajó”, revelando uma atuação maior do missionário.<sup>21</sup>

Ao fim desse período, a família Thomas voltou aos Estados Unidos, conforme o colaborador: “59 a 60 ele voltou, passou uns anos lá quando eu nasci”. Nesses anos, Clinton Thomas trabalhou “com torno” e foi proprietário de “uma loja de armas no Colorado”, até ser convocado novamente: “mas aí pediram pra ele voltar pra missão”.<sup>22</sup> A família de missionários procurou uma cidade sem igrejas para iniciar um novo trabalho. O que teria levado os missionários a escolher Urucará, Amazonas, e implantar uma congregação da Igreja de Cristo?

## O MISSIONÁRIO EM URUCARÁ E O(S) CRISTIANISMO(S)

Chamado de volta ao Brasil, Clinton Thomas “veio pra essa área de Urucará”. De Belém, a viagem até Urucará se deu via fluvial; seria “a primeira vez” que a família viajava naquela direção. Tomé Thomas não justifica a escolha de Urucará: “ele queria uma área nova onde não tinha igreja (...) queriam achar cidade que não tinha igreja cristã. Em Urucará foi uma”. Poderia ter sido outra? “Tinha cinco assim (...) então, aqui era uma, então ele ficou”. Em sua narrativa, não havia nada de específico em Urucará: “chegou aqui e resolveu ficar”<sup>23</sup>. As

<sup>19</sup> Entrevista realizada com Thomas “Tomé” Joel Thomas, em 19/08/2017, em Urucará/AM.

<sup>20</sup> A Igreja de Cristo foi iniciada em Belém em 1952, e em Macapá em 1958. AGOSTINHO JÚNIOR, Pedro. **Esboço da presença dos três principais ramos do Movimento de Restauração no Brasil**. Movimento de Restauração. Disponível em <http://movimentoderestauracao.com/2008/04/14/esboco-da-presenca-dos-tres-principais-ramos-do-movimento-de-restauracao-no-brasil/>. Acesso em 20/04/2018.

<sup>21</sup> Entrevista realizada com Thomas “Tomé” Joel Thomas, em 19/08/2017, em Urucará/AM.

<sup>22</sup> *Idem.*

<sup>23</sup> *Idem.*

falas do colaborador nos remetem ao processo de construção das memórias (POLLAK, 1992), compartilhadas pela família Thomas.

Urucará é um dos sessenta e dois municípios do estado do Amazonas, pertencente ao Baixo Amazonas<sup>24</sup>, uma das nove sub-regiões que a constituição estadual divide o espaço territorial do Amazonas<sup>25</sup>. Na divisão regional do Brasil de 2017, Urucará está inserida na Região Geográfica Intermediária de Parintins e na Região Geográfica Imediata de Itacoatiara.<sup>26</sup> Urucará possui uma área de 27.903,534 km<sup>2</sup>, e população de 17.094 habitantes.<sup>27</sup> A região foi habitada por índios Burubus, Caboquenas e Guanavenas, e o nome “Urucará” deriva da junção das palavras indígenas “uru”, que significa cesto de palha, e “cará”, inhame.<sup>28</sup> Se atentarmos àquele significado, a história de Urucará é marcada por entrelaçamentos e desmembramentos com os municípios ao redor. Na cronologia de Silva (2018), 26 de julho de 1814 é a data de fundação do núcleo originário da cidade, o povoado de Santana da Capela, por Crispim Lobo de Macedo, que instala uma capela em honra a Nossa Senhora de Sant’Ana. A lei provincial nº 462, de 3 de maio de 1880, criou a freguesia de Sant’Ana da Capela, enquanto a elevação à vila de Sant’Ana de Urucará ocorre pela lei provincial nº 744, de 12 de maio de 1887, com terras desmembradas de Silves, e o município sendo instalado em 7 de setembro de 1887. Em 1892, uma lei alterou o nome do município de Senhora Santana de Urucará para simplesmente Urucará. Em 1895, terras são desmembradas de Silves e Urucará para dar lugar ao município de Urucurituba. O Ato Estadual nº 45, de 28 de novembro de 1930, suprime o município de Urucará e anexa seu território ao de Itacoatiara, sendo restabelecido em 2 de junho de 1935, pela nova Constituição Estadual. Em 31 de março de 1938, pelo decreto-lei estadual nº 68, a sede do município recebe foros de cidade, e a comarca de Urucará é criada em 24 de dezembro de 1952, pela Lei nº 226. Em 10 de dezembro de 1981, a Emenda à Constituição Estadual nº 12 desmembra o distrito de São Sebastião de Uatumã do território de Urucará para a criação do novo município.<sup>29</sup>

---

<sup>24</sup> Cf. Figura 1, nos Anexos.

<sup>25</sup> **Constituição do Estado do Amazonas** – atualizada até a Emenda Constitucional nº 108, de 18.12.2018. Disponível em <http://www.pge.am.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/Constituicao-Estado-Amazonas-atualizada-ate-a-EC-108-de-2018.pdf>. Acesso em 24/10/2019.

<sup>26</sup> Divisão Regional do Brasil. **IBGE**. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?=&t=acesso-ao-produto>. Acesso em 24/10/2019.

<sup>27</sup> IBGE. Urucará. **Censo Demográfico do Brasil de 2010**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/urucara/panorama>. Acesso em 17/09/2017.

<sup>28</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE URUCARÁ. Disponível em <http://www.ale.am.gov.br/urucara/o-municipio/historia/>. Acesso em 13/09/2017.

<sup>29</sup> *Idem*.



A ligação com a Igreja Católica se faz notar desde a criação do município, pois, a paróquia de Urucará foi instalada, segundo Silva (2018), também em 7 de setembro de 1887, com sede na vila de Sant'Ana de Urucará. Em 1892, quando o papa Leão XIII erigiu a Diocese do Amazonas, desmembrada da Diocese do Pará, Urucará passa a integrar essa nova territorialidade católica.

A necessidade de párocos para Urucará é presente desde sua fundação. Em 1911, relata Silva (2018), o bispo ampliou a área de atuação do vigário de Itacoatiara, encarregando-o também de Silves, Urucará e Urucurituba. O mesmo vigário, em 1915, ordenou que a festa do Divino Espírito Santo, até então comemorada em uma casa de um fiel no rio Jatapu, seja transferida para a sede da Paróquia, na cidade, para estar no controle do clero local.

Em 1942, outro padre assumiu as responsabilidades por Silves, Urucará e Urucurituba. Esse sacerdote, conforme relata Silva (2018), viajava duas vezes por ano pelos municípios, sendo uma especificamente na festa dos padroeiros locais. Durante essas visitas, a população aproveitava a presença do padre para receber os sacramentos católicos. O número reduzido de sacerdotes, em todo o Amazonas, era reconhecido como uma sobrecarga para eles e aos bispos (MACIEL, 2014). As visitas dos bispos, desde o bispado do Pará à Arquidiocese de Manaus, ainda que não frequentes, dadas as dificuldades em dirigir uma circunscrição eclesiástica geograficamente extensa, eram percebidas como prioridades, segundo Maciel (2014, p. 187), “pois a assistência dada pela presença do bispo nas diversas localidades se mostrava mais eficaz”, na dinâmica do poder religioso.

Sendo assim espaços marcados pela hegemonia do catolicismo, a região de Urucará e o Amazonas atravessaram a década de 1960 com transformações para a Igreja Católica. Silva (2018) registra em sua cronologia eclesiástica, que, em 1960, o arcebispo metropolitano de Manaus convidou os padres da missão canadense de Scarborough para assumirem a Paróquia de Itacoatiara, e conseqüentemente atuarem nos municípios limítrofes, inclusive Urucará. A Sociedade Missionária de Scarborough (*Scarboro Foreign Mission Society*) foi fundada em 1918, em Ontário, Canadá, e teve em Itacoatiara sua primeira missão independente.<sup>30</sup> Os cinco primeiros padres de Scarborough chegaram em Itacoatiara em julho de 1962.

Nesse ínterim, o Concílio Vaticano II, um evento de significado global para o Cristianismo, acontecia no Vaticano. Em 11 de outubro de 1962, o papa João XXIII abre o concílio, “marco na modernização litúrgica e doutrinal da Igreja Católica” (SILVA, 2018, p. 130). Encerrado em 1965, no pontificado de Paulo VI, com o Vaticano II “a Igreja Católica

---

<sup>30</sup> Scarborough Missions. Disponível em <https://www.scarboromissions.ca/about-us/where-we-are/13>. Acesso em 23/12/2018.

abriu-se mais ao mundo” (*ibidem*, p. 143). Dentre suas mudanças significativas, estavam novas direções para o ecumenismo e a pastoral católica.

Outro acontecimento importante é a criação da Prelazia de Itacoatiara. Oito anos após a criação da então Prelazia de Parintins (CERQUA, 2009), em 13 de julho de 1963, o papa Paulo VI cria a Prelazia *Nullius* de Itacoatiara. Uma prelazia é uma nova região da igreja designada para uma congregação religiosa até que possa ser formada por clérigos locais e se tornar uma diocese.<sup>31</sup> O termo latino *Nullius* indica a situação jurídica das prelazias em processo de formação, com características missionárias. A Prelazia, além da sede Itacoatiara, onde está situada a Catedral Nossa Senhora do Rosário, é composta pelos municípios de Itapiranga, São Sebastião do Uatumã, Silves, Urucará e Urucurituba (SILVA, 2018), totalizando uma área de 83.012 km<sup>2</sup> e cerca de 195.306 habitantes.

Foi nessa conjuntura, de transformações para o catolicismo que Clinton, Phyllis, Timothy, Theodore e Thomas desembarcaram em Urucará. Sua chegada se deu no dia 8 de abril de 1965, e a primeira reunião da Igreja de Cristo em Urucará ocorreu três dias depois, em 11 de abril, “na sala de visita na casa que o missionário Clinton alugava”, com três homens no primeiro culto, além da família Thomas.<sup>32</sup>

Tomé Thomas afirma que Clinton Thomas não conhecia ninguém da cidade, mas várias pessoas estavam observando sua chegada, já que “o pessoal ficava lá na frente da cidade, quando a embarcação chegava... pra ver quem chegava, quem ia embora (...) todos estavam esperando ele lá, quando ele subiu...” Além do costume popular, haveria outra causa, despertando a curiosidade da população: “Ele era branco né, ninguém sabia o que ele tava procurando”. Emblemático nesse processo de construção de memória é o morador Arthur Libório, “que recebeu ele... disse que tava esperando um homem como ele”<sup>33</sup>, expressão de um messianismo nas representações do missionário norte-americano.

Arthur Libório estava esperando não este missionário especificamente, segundo o colaborador: “Porque o pai dele disse que um dia vinha um homem branco, que vinha trazer um evangelho... e ele achou que aquele era o momento.” Arthur Libório ouvira isso de seu pai em Manaus. Tomé não conhece bem essa narrativa: “eu não sei, eu só sei que o pai dele disse que um dia viria um homem com ensinamentos da escritura e pra abraçar a fé”. Esse acontecimento torna-se importante na trajetória de Clinton Thomas, e “quando o papai visitava

---

<sup>31</sup> *Idem*.

<sup>32</sup> THOMAS, Timothy. **O significado da Igreja de Cristo ao povo de Urucará**. 08/04/1981, duas folhas. Documento cedido ao Grupo de Estudos Históricos do Amazonas-GEHA/acervo do pesquisador.

<sup>33</sup> Entrevista realizada com Thomas “Tomé” Joel Thomas, em 19/08/2017, em Urucará/AM.

as igrejas ele contava as histórias”, configurando-se como vital na legitimação de sua ação religiosa no interior do Amazonas.<sup>34</sup>

Uma mensagem de Josh Head, para os membros da First Christian Church em Bellsouth, confirma como essa narrativa atravessou os países e os anos. Pastor Head recorda seu relacionamento com Clinton e Phyllis Thomas, desde o seminário. Segundo ele, os Thomas foram para uma região onde nenhum ou poucos brancos tinham estado. Ao chegar, Clinton teria sido abraçado por Arthur Libório, que dissera estar esperando “toda a minha vida” pela chegada do missionário. Arthur contou que seu pai, muitos anos antes, ouvira um pregador em Manaus, vindo do Rio de Janeiro. De volta à Urucará, ele reuniu os filhos e contou sobre a pregação; o pregador dissera para estarem prontos, porque algum dia viria “algo” que mudaria suas vidas. Arthur Libório esperara por esse “algo” chegar, e foi uma das três primeiras pessoas batizadas na Igreja de Cristo em Urucará.<sup>35</sup>

Até a década de 1960, de acordo com Thomas Joel Thomas, “o padre só vinha uma vez por ano, durante a festa”. A Festa do Divino atualmente é uma das festas mais importantes do município, mas naquela conjuntura ainda não era a mais popular: “Não sei qual era a festa naquele tempo, eu acho que era Santana, que era mais comum.” Tomé reafirma: “Não tinha pastor e, como disse, o padre vinha ocasionalmente né.” Porém, “depois que ele chegou, aí mandaram o padre, pra ficar aqui, permanente”. Apesar da provável influência da chegada de um pastor protestante na cidade, cabe destacar que este era também o momento de transformações na Igreja Católica, o que reflete-se no maior cuidado e atendimento a seus fiéis, bem como as relações com as outras religiões, pois não obstante as animosidades possíveis entre as duas igrejas cristãs, como em outras regiões<sup>36</sup>, havia amizade entre os religiosos, “porque a maioria era canadense, então eles conversavam em inglês”, e inclusive “os padres vinham visitar ele”. Entretanto, depois, com a mudança dos sacerdotes, “os mexicanos não se deram tanto com o meu pai”<sup>37</sup>, desvelando tensões a partir das mudanças articuladas por Roma no território de Urucará.

Uma especificidade da primeira igreja protestante de Urucará é sua proximidade com a Igreja Católica: “porque a igreja já fica na praça, é bem próximo”. O terreno de Clinton Thomas,

---

<sup>34</sup> *Idem.*

<sup>35</sup> THE CHRISTIAN CALLER. Minister’s Notes. May 2016. First Christian Church. Disponível em <http://fcchariman.org>. Acesso em: 17/08/2017.

<sup>36</sup> Ver por exemplo: LARANJEIRA, Rhaisa Christie Graziella de Souza. “**Hereges**” x “**Idólatras**”: embates entre **Batistas e Católicos em Manaus (1900-1920)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

RODRIGUES, Cesar Augusto Viana. **Conflitos religiosos em Parintins na década de 50**. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em História. Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2008.

<sup>37</sup> Entrevista realizada com Thomas “Tomé” Joel Thomas, em 19/08/2017, em Urucará/AM.

onde foi construído o prédio da Igreja de Cristo, é “no mesmo quarteirão” da Igreja Matriz de Santa Ana, indicando uma possível disputa pelo centro da cidade. Contudo, a partir das memórias compartilhadas com sua família, Tomé assegura que essa localização não teve algum motivo especial, mas acredita “que era um local que tinha pra comprar né”, pois Urucará “era bem pequena nos anos 60”, sua população “era menos de cinco mil eu acho”. É categórico em afirmar que não ocorriam tensões entre os fiéis, se encontrando na direção de suas reuniões religiosas: “Não! Não! Não! Nessa parte...”, porém, “só barulho de festa quando tinha alto-falante.” Como a Igreja Católica usava um alto-falante, isso atrapalhava os cultos evangélicos, “porque o programa de um era diferente que do outro né”,<sup>38</sup> dando a conhecer, portanto, um conflito no campo religioso local.

Seu Renato Vieira, continuou católico, mesmo após muitos anos ao lado do Pastor Clinton, “lá eu trabalhei muito, foi 29 anos eu trabalhei com ele, com o velho, num trabalhei mais porque ele foi embora né”. Em seu processo de construção da memória, recorda que frequentou a Igreja de Cristo em alguns momentos: “nós ia na [igreja] dele quando era, vinha pessoal do... visitantes né do Estados Unidos, aí ele convidava nós e nós ia lá quando era casamento, aniversário... a gente ia lá na dele né”. Contudo, revela que o missionário protestante tinha ações semelhantes: “E aí ele vinha aqui na nossa também [Igreja Matriz de Santa Ana], fazia a mesma coisa. A mesma oração que a gente fazia, ele fazia lá na dele, ele fazia aí na nossa também”. O colaborador também afirma que Clinton “era chegado com o padre, não era assim uma pessoa que ficava implicando com ele né, padre com pastor”, sustentando a narrativa das relações amistosas entre os diferentes religiosos.<sup>39</sup>

A Igreja de Cristo foi a primeira igreja evangélica de Urucará, mas depois vieram as outras denominações: “Eu lembro da Assembleia de Deus, que alugou um local perto da praça, e da Igreja Pentecostal do Brasil, e depois Batista, e foi crescendo né.” Como eram as relações entre as diferentes igrejas evangélicas? Existiam tensões no campo religioso protestante? “Sempre tem a crítica de prática. Cada um tem o seu método, não é? De igreja com mais número, sempre se acha certa porque o número é maior...” Tomé Thomas credita às novas igrejas a diminuição da frequência na Igreja de Cristo: “Vir os outros movimentos, e as pessoas começaram a sair”. Urucará “também cresceu, então as pessoas ficavam mais distantes da igreja, e começaram a frequentar a mais próxima de sua casa”. Além disso, “a migração pra Manaus foi grande”. Entretanto, ainda que muitos membros tenham saído, “tem muitas pessoas que reconhecem a base de crescimento que papai espalhou, na infância deles, mesmo que eles,

---

<sup>38</sup> *Idem.*

<sup>39</sup> Entrevista realizada com Renato Braga Vieira, em 19/12/2018, em Urucará/AM.

hoje pratiquem com outras igrejas, né...”<sup>40</sup>, destacando a representação de seu pai ainda junto à parcela da população urucaraense.

O pioneirismo da família Thomas e da Igreja de Cristo, bem como o crescimento das igrejas evangélicas no município, refletem-se nos números oficiais. Em 2010, segundo o IBGE, 4.052 pessoas em Urucará se declaravam como evangélicos, ou seja, um quarto da população<sup>41</sup>. Em comparação, no estado do Amazonas, no mesmo período, dos 3.483.985 habitantes, mais de um terço da população amazonense, ou 1.085.480 pessoas, se declaravam como evangélicos.<sup>42</sup> Oliveira e Pinto (2019) argumentam que o crescimento das denominações evangélicas coincide com a expansão demográfica no Amazonas; dessa forma, a realidade das populações locais e evangélicas em Urucará parecem confirmar essa tese.

### **“TODO MUNDO PRECISAVA DELE”: a inserção social**

A ajuda financeira da igreja norte-americana foi essencial para aquisição do terreno, na parte central da cidade, bem como para construção do prédio da igreja. Tomé Thomas recorda que a primeira igreja “era de madeira. Só tinha uma parede. Os bancos de madeira”, no mesmo endereço, “na rua da frente”. Apenas “em 80 mais ou menos que fizeram uma de alvenaria”<sup>43</sup>, também com recursos estrangeiros: “veio dinheiro de fora para ajudar a missão (...) a missão, e os grupos que ajudaram ele que mandavam ajuda financeira”<sup>44</sup>, indicando uma rede de relações que atravessou as décadas.

Tomé descreve a ajuda financeira que a família recebia. “Uma pessoa encarregada” nos Estados Unidos era responsável por receber as contribuições: “Não era por mês ou por semana, era quando tinha alguma coisa, ia para aquela pessoa responsável”. Clinton Thomas teria acesso a esse valor através do banco: “eles mantinham a conta bancária no Estados Unidos... e quando o papai precisava ele podia pegar o dinheiro”. Assim, a Igreja de Cristo norte-americana exerceu protagonismo junto à igreja de Urucará, pois Clinton não recebia outro auxílio, “aqui no Brasil não tinha nada não”, nem mesmo de congregações brasileiras da Igreja de Cristo.<sup>45</sup>

<sup>40</sup> Entrevista realizada com Thomas “Tomé” Joel Thomas, em 19/08/2017, em Urucará/AM.

<sup>41</sup> IBGE. Urucará. **Censo Demográfico do Brasil de 2010**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/urucara/panorama>. Acesso em 17/09/2017.

<sup>42</sup> IBGE. Amazonas. **Censo Demográfico do Brasil de 2010**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/panorama>. Acesso em 05/10/2018.

<sup>43</sup> Cf. Figura 3, nos Anexos.

<sup>44</sup> Entrevista realizada com Thomas “Tomé” Joel Thomas, em 19/08/2017, em Urucará/AM.

<sup>45</sup> *Idem*.

O processo de construção de memória de Tomé não recupera reações negativas dos moradores após a chegada da família Thomas. Mas narra sobre um caso emblemático dos primeiros dias: “o único problema eu acho que foi quando ele foi lavar uma rede de uma pessoa que era doente de lepra né”. Se a cidade não tinha água encanada, pastor Clinton teria ido lavar a rede no rio em frente à cidade, e “as pessoas tomavam banho no rio e não gostaram daquilo.”<sup>46</sup> O episódio parece indicar uma possível reação às ações dos missionários, mas também indicam irem estas além dos cuidados espirituais.

Foi logo que chegou. Que a filha queria madeira pra fazer um caixão, e ele queria saber quem faleceu, e... a filha disse que ele não faleceu, mas ninguém entrava na casa pra ajudar ele, porque ele tinha doença. (...) Aí ele foi e ajudou o homem, e ainda recuperou... ele fez tratamento em Parintins e morou diversos anos depois aqui. (...) Tinha que limpar ele né, porque ninguém entrava na casa... e naquele tempo todo mundo tinha medo, eles davam comida por um buraco na porta, num caniço. E ele caiu da rede e pensaram que ele ia morrer lá. (...) Aí já iam preparar o caixão pra ele. [risos]

Segundo o colaborador, o missionário foi a única pessoa que se dispôs a ajudar esse homem, já que “naquele tempo era desconhecido os efeitos da doença né”, além de procurar encaminhá-lo para tratamento.<sup>47</sup> Possivelmente, conhecedor das causas e tratamento para a doença socialmente estigmatizada, Clinton Thomas pôde agir em favor do homem doente. Após essa ajuda do pastor, os moradores, “logo que viram a recuperação, acho que começaram a confiar no trabalho do papai né, ajudando as pessoas...” Nas memórias de Tomé Thomas, Clinton Thomas ajudava pessoas doentes e feridas, “porque não tinha... não tinha outro para ajudar né”. Esses conhecimentos tiveram origem na sua mãe, que “era enfermeira”, e de forma autodidata, “ele tinha os livros, estudava antes de vir... era um dom de Deus que ele tinha”. Tomé relata que “qualquer coisa as pessoas corriam com ele naquela época”<sup>48</sup>, o que nos faz perceber sua atuação na área médica como fundamental para sua inserção na cidade.

Seu Renato reforça essa visão: “Então quando eles chegaram aqui, ele era o médico

<sup>46</sup> *Idem.*

<sup>47</sup> A memória construída sobre a lepra, hanseníase na terminologia moderna, era extremamente negativa, pensada como incurável e transmissível. É uma mentalidade herdeira do pensamento cristão, que torna os “leprosos” como carentes de ajuda da Igreja, que criou leprosários. A referência à Parintins, na fala de Tomé Thomas, nos faz pensar nas ações sociais da então Prelazia de Parintins, que incluía extensa atuação na área da saúde, cf. Cerqua (2009). Para as transformações das instituições e políticas amazonenses do controle da hanseníase no Amazonas, cf. SCHWEICKARDT, Julio Cesar; XEREZ, Luena Matheus de. A hanseníase no Amazonas: política e institucionalização de uma doença. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.22, n.4, out./dez. 2015, p.1141-1156. Para os sentidos do termo lepra e sua memória no discurso religioso, cf. SANTOS, Washington da Silva. **Memória e discurso religioso**: efeitos de sentido de lepra em diferentes materialidades significantes. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018.

<sup>48</sup> Entrevista realizada com Thomas “Tomé” Joel Thomas, em 19/08/2017, em Uruará/AM.

daqui da cidade, médico bom, muito bom, se ele aplicasse um remédio pra pessoa podia dizer, ia ficar bom mesmo”. Portanto, “era gente todo dia ali, ó, na fila, e ele atendendo, é, ele só não atendia fora de hora, na hora que não era hora de ele atender, colega... hum, nem fosse lá, [risos] ele gritava com o pessoal, ele era assim, pois é”<sup>49</sup>, indicando os limites que o médico autodidata impunha sobre sua atuação.

A atuação médica de Clinton Thomas não era solitária, mas dispunha da contribuição de um médico brasileiro: “só tinha o doutor João Lúcio que dava amostra grátis pra ele, medicamentos, em Manaus”. João Lúcio era amigo do pastor Clinton, e fornecia “medicamentos pro papai trazer, distribuir aqui pro pessoal”. É provável que esse seja o médico que nomeia um hospital na capital amazonense: “eu acho que o Hospital Doutor João Lúcio é o nome dele”. Pastor Clinton “ia em Manaus, numa base de uma vez por mês, fazer compras e ia visitar o doutor João, sempre tinha um estoque de remédio para mandar pra ele”. Provavelmente, esse fornecimento seja a causa pela qual Clinton “nunca cobrou medicamento de ninguém”.<sup>50</sup> Seu Renato Vieira não consegue identificar a origem dos medicamentos, mas também reconhece Manaus como espaço chave para isso: “não sei bem se era com o governo, ou ele tinha outro amigo que podia arrumar pra ele né, porque ele trazia muito remédio quando ele ia em Manaus. Trazia muito, e aí chegava aí ele dava e quando acabava ele ia buscar de novo”.<sup>51</sup> Os dois colaboradores revelam uma rede de relações construídas pelo missionário norte-americano, que incluiria personagens importantes do estado do Amazonas, e, talvez, de outras procedências, o que garantiu sua atuação social por cerca de duas décadas na região de Urucará.

Clinton Thomas, representado como aquele que supria a carência médica da cidade e região, era bastante procurado. Havia “fila de pessoas”, que “ocupava bastante tempo” do missionário. Ele atendia em sua residência: “tinha um consultório em casa, as pessoas vinham... com muitos, muitos problemas né”. Além disso, “pessoas que não podiam chegar em casa ele ia visitar na casa deles”. Em casos mais sérios, ele pedia que o doente fosse para Itacoatiara ou Manaus: “alguma coisa que não tinha tratamento aqui, tinha que... aí nesse ponto as famílias, a prefeitura, pediam uma ajuda, uma passagem, se não tivesse”. A população contava com Pastor Clinton, “porque basicamente era o, quem, ajudava né”. A outra única ação nesse sentido na cidade era feito pelas parteiras: “Tinha as parteiras né, mas a área delas é diferente... elas ajudavam as pessoas... Hum, ferimento, eu vi elas ajudar pessoas, mas... o papai, medicamento,

---

<sup>49</sup> Entrevista realizada com Renato Braga Vieira, em 19/12/2018, em Urucará/AM.

<sup>50</sup> Entrevista realizada com Thomas “Tomé” Joel Thomas, em 19/08/2017, em Urucará/AM.

<sup>51</sup> Entrevista realizada com Renato Braga Vieira, em 19/12/2018, em Urucará/AM.

era com ele porque não tinha outro.”<sup>52</sup> Segundo Tomé Thomas, o reconhecimento da atuação médica do pastor Clinton Thomas atravessou os anos e as cidades:

vinha pessoas se consultar, de Manaus, nos anos 90. Tanta fé que tinha, vinha de Manaus. Todos esses interior. Até de Parintins, às vezes, eu ficava admirado. (...) porque nos anos 90 já tinha médicos, né, até em São Sebastião tinha, mas era um costume de vir de lá, falar com papai.<sup>53</sup>

Questionado sobre os possíveis conflitos entre o missionário e o poder público, a quem deveria ser cobrado o serviço de saúde, Tomé Thomas atesta que as autoridades da cidade apoiavam o trabalho médico do pastor Thomas, “porque todo mundo precisava dele. Se ele doava o tempo dele ninguém ia empatar ele né (...) tanto faz prefeito, policial, todo mundo confiava nele, no trabalho dele”, desvelando uma legitimação de Clinton Thomas através da atuação na saúde.<sup>54</sup> Entretanto, a atuação na saúde teria sido uma estratégia de legitimação de Clinton Thomas ou a legitimação foi resultado da atenção à essa demanda histórica da região?

Quanto à atuação mecânica de Clinton Thomas, que já tinha sido mecânico de aviação, Tomé Thomas descreve que “ele tinha torno, ele fazia de tudo, até peças pra máquina elétrica”. Assim, ele cuidava dos veículos, “alguns né, que não tinha muitos naquele tempo”. Enquanto as manhãs eram dedicadas para o atendimento médico, “pela tarde ele trabalhava na área mecânica (...) assim, ajudando o povo”. Tomé revela que seu pai só cobrava “na área de mecânica, porque precisava o material e ele teria que pagar pra ajudar então ele cobrava, mas, era pouco”.<sup>55</sup> Renato Vieira, que trabalhou junto com Clinton Thomas, elogia o serviço mecânico do missionário: “máquina ele tinha muito (...) a oficina dele era daqui pra cá, a minha era daqui pra cá, ele trabalhava lá e eu pra cá, o homem era muito bom. Perfeito no trabalho.” De acordo com seu processo de construção de memória, Clinton “fazia uma peça que você ficava admirado, você olhava assim e achava que não era feito aqui, mas era, ele que fazia no torno... muito... muito especial aquelas peças, muito bom”. Seu Renato recorda que “o pessoal levava lá máquina ou qualquer coisa de mecânico, ele levava lá, ele fazia (...) ele cobrava uma importância né, pra uns, agora pros amigos, dele que era amigo mesmo ele fazia e não cobrava nada.”<sup>56</sup> Assim, ainda que menor em comparação com os atendimentos na saúde, os serviços mecânicos também fizeram parte da inserção de Clinton Thomas na cidade de Urucará.

<sup>52</sup> Entrevista realizada com Thomas “Tomé” Joel Thomas, em 19/08/2017, em Urucará/AM.

<sup>53</sup> *Idem.*

<sup>54</sup> *Idem.*

<sup>55</sup> *Idem.*

<sup>56</sup> Entrevista realizada com Renato Braga Vieira, em 19/12/2018, em Urucará/AM.



E em que áreas Phyllis Thomas atuava? Tomé Thomas relata que sua mãe “tinha hobbies né, de fazer costura, com grupos de mulheres, é, tecido de metro e meio de tapete, assim, pra conversar e ter algum objeto pra fazer as coisas né”. Também dava aulas “na escola pública e particular”. Ela ensinava “inglês particular”, e trabalhou na Escola Estadual Ramalho Júnior. E sua atuação na igreja? Tomé fica indeciso um momento e diz que “ela tinha as partes né, que ela trabalhava mais com as senhoras, e ele com os homens”.<sup>57</sup> Uma das possibilidades que apontamos para investigações futuras, é problematizar o possível apagamento da atuação de dona Phyllis, revelando mais do papel das mulheres dentro do movimento religioso em Urucará.

### **AS TENSÕES: mais que alto-falantes?**

A atividade na área médica, que forneceu legitimação para a presença de Clinton Thomas em Urucará, bem como garantiu sua representação no imaginário da cidade, não se deu sem tensões, apesar do aparente apoio das autoridades. Os atendimentos médicos do norte-americano completavam uma lacuna nas relações de poder, o que não possivelmente não passou despercebido dos poderes estabelecidos. Ainda que o processo de construção da memória de Tomé Thomas não forneça detalhes, é possível apreender as tensões pela presença e atuação do missionário: “Sempre tem, a diferença de quem está certo ou errado (...) Mas se você precisa ajuda de alguém, você não vai brigar com aquela pessoa”. Dessa forma, o missionário “era aceito... porque ele ajudava em outras áreas, além da igreja”, com trabalho que alcançava “a comunidade em geral, tanto faz católico ou da Igreja de Cristo”. Assim, “o papai era a única pessoa, naquele tempo, que podia correr pra ele”<sup>58</sup>, ratificando seu papel fundamental na cidade.

Após a instalação do hospital na cidade, os habitantes de Urucará continuavam indo à casa de Clinton Thomas para serem consultados, deixando de lado o serviço público e oficial. Questionado sobre se os médicos impediram o trabalho de pastor Clinton, nosso colaborador afirma que o diretor do hospital “queria que enviasse né, pro hospital, pra fazer o trabalho no hospital, porque ia crescendo a população e... também os médicos tinham o trabalho deles né”. Assim, eles apenas teriam pedido que “se ele pudesse... ajudar no hospital, visitar e... parar mais em casa né...” Então, pastor Clinton passou a ir ao hospital apenas “visitar pessoas doentes”.<sup>59</sup> Portanto, com o Estado assumindo seu lugar como agente responsável pela saúde do município, configurou-se uma mudança na atuação de Clinton Thomas, instado a oferecer apenas cuidados

---

<sup>57</sup> Entrevista realizada com Thomas “Tomé” Joel Thomas, em 19/08/2017, em Urucará/AM.

<sup>58</sup> *Idem.*

<sup>59</sup> *Idem.*

espirituais, e não mais ajuda médica.

As relações com as autoridades da cidade de Urucará teriam sido problemáticas em algumas ocasiões, recorda Tomé Thomas: “Porque é... política você tem que estar de um lado ou de outro, se você não está... de acordo com o prefeito, você se torna um contra né, inimigo... e já que ele não participava na política, sempre perseguiram ele.”. Os prefeitos, “alguns se davam com ele, e outros não”. Também policiais, “tinha alguns que não gostavam dele”, já que o pastor Clinton procurava manter-se livre das questões políticas da cidade. “Porque ele era independente do... do que o prefeito queria né”. Clinton Thomas “não gostava de som alto e ele reclamava sempre”, e como os habitantes “diziam que pagavam direito, então era um motivo de encrenca (...) era pelo alto-falante e barulho, naquele tempo, que perseguiram ele”. Como era de conhecimento público onde aconteciam as reuniões evangélicas, “eles faziam barulho né, sabendo que ele tinha o culto”,<sup>60</sup> revelando uma disputa pelo espaço religioso.

A fala de seu Renato também nos é reveladora de algumas dessas tensões: “Olha, é o seguinte, ele não era muito chegado com esse pessoal aí. Juiz, delegado, essa gente toda ele nunca era chegado assim né. Ele conversava com eles, mas não era do gosto dele não, porque aborreciam ele né”. Seu Renato aponta que “o delegado uma vez prendeu ele”. E o barulho é destacado como motivação para uma atitude do pastor Clinton que resultou na detenção temporária: “Porque o pessoal botava som alto por aí né e ele ia lá, e esculhambava, quando não ele desligava o aparelho doutro, e aí uma vez acabou dando uma cadeia pra ele. É. Ele era brabo, naquele tempo ele era muito brabo, não botasse aqueles alto-falante ali, hum...”<sup>61</sup> O processo de construção de memória dos dois colaboradores nos parece sugerir que o barulho dos alto-falantes era proposital, revelando os conflitos na cidade, subentendidos, mas perceptíveis.

Essas tensões nos permitem pensar em uma trajetória atravessada pela noção de “Poder”, a qual nos envia diretamente aos domínios da Nova História Política (BARROS, 2008). Os objetos da História Política, além dos antigos enfoques, abrange “as relações políticas entre grupos sociais de diversos tipos”, “as relações interindividuais (micropoderes, relações de poder no interior da família, relacionamentos intergrupais)”, e “o campo das representações políticas, dos símbolos, dos mitos políticos, do teatro do poder, ou do *discurso*, enfim” (*idem*, p. 109, grifo do autor). Torres Neto nos leva a questionar como estruturam-se as “relações de poder pela construção e disputa de espaço religioso na Amazônia, isto, outrossim, com o uso de estratégia de ação social” (2019, p. 50). Assim também, à luz da trajetória de Clinton Thomas

---

<sup>60</sup> *Idem*.

<sup>61</sup> Entrevista realizada com Renato Braga Vieira, em 19/12/2018, em Urucará/AM.

e da nova história política, é necessário analisar como essa noção de poder se manifestou nas relações entre o missionário estrangeiro e a sociedade amazônica, com as lideranças políticas, civis e religiosas na pequena cidade do norte brasileiro.

Após trinta anos em Urucará, Clinton e Phyllis Thomas, já com mais de sessenta anos de idade, retornaram definitivamente aos Estados Unidos em 1996, afastando-se das ações missionárias. A inserção social de Clinton e Phyllis Thomas lhes garantiram o título de Cidadãos de Urucará em 1999, bem como a homenagem com o nome do missionário na primeira Unidade Básica de Saúde da cidade. Para além da atividade missionária, muito provavelmente o exercício de outras ações os situou em uma posição estratégica e legitimadora na sociedade de Urucará.

A Igreja de Cristo em Urucará permaneceu após a saída dos missionários fundadores, e, em nossas observações em campo,<sup>62</sup> reconhecemos a persistência de tensões em volta do templo, um lugar de memória (POLLAK, 1992) para os membros remanescentes e para a família Thomas. As investigações posteriores aprofundar-se-ão nesse espaço material do sagrado e suas relações com a cidade.

Quanto ao missionário Clinton Benjamin Thomas, este veio a falecer em 21 de abril de 2007, no Baptist Hospital em Knoxville, Tennessee.<sup>63</sup> O periódico do Johnson Bible College, de maio de 2007, em sua seção sobre os ex-alunos, traz uma nota sobre o falecimento de Clinton Thomas, chamado de “Pai da Cidade de Urucará”. Foi sobrevivido pela esposa, Phyllis Thomas, ainda residente nos Estados Unidos, os três filhos, dos quais Timothy e Thomas residem em Urucará, e vários netos. Dez anos após o falecimento do missionário fundador da primeira igreja protestante em uma cidade do Baixo Amazonas, esta pesquisa voltou-se ao desafio de encará-lo como personagem histórico e analisar sua trajetória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torres Neto (2019, p. 20) argumenta haver uma lacuna sobre as narrativas protestantes, relativo à formação do pensamento social na Amazônia, pouco visibilizada “em razão talvez, da hegemonia católica que estabeleceu historicamente nos escritos de viajantes”. Ao investigar a trajetória de Clinton Benjamin Thomas e da Igreja de Cristo em Urucará, procuramos nos inserir nesse universo de pesquisas, ainda recente, bem como instigar pesquisadores para

---

<sup>62</sup> Cf. Figura 4, nos Anexos.

<sup>63</sup> BRAZIL CHRISTIAN WIKI. **Clinton and Phyllis Thomas**. Disponível em [http://en.brazilchristianwiki.org/wiki/Clinton\\_and\\_Phyllis\\_Thomas](http://en.brazilchristianwiki.org/wiki/Clinton_and_Phyllis_Thomas). Acesso em 15/08/2017.

analisar a trajetória religiosa e social da Igreja de Cristo no Brasil, movimento septuagenário que parece não ter despertado ainda interesse científico. Nossa pesquisa não se propõe a ser laudatória de um personagem histórico, estrangeiro, em uma recuperação de antigos discursos construídos sobre a Amazônia (PIZARRO, 2012), mas tomar sua trajetória em uma perspectiva histórica, religiosa e social para compreender parte dos processos históricos da Amazônia no século XX.

A atividade missionária da família Thomas na região Norte do Brasil enquadra-se em um movimento mais amplo de crescimento do protestantismo no Brasil e do papel das missões estrangeiras nessa conjuntura, especialmente no Baixo Amazonas. Não apenas Urucará foi alvo de investidas protestantes norte-americanas no século XX, mas a análise desse caso nos permite entender parte de suas estratégias nesses processos de estabelecimento e relações com o catolicismo dominante. Entretanto, igualmente é necessário considerar a imersão dos religiosos norte-americanos em uma realidade social pautada pela fragilidade da presença do Estado, e como os missionários procuram suprir esses espaços vazios. O destaque à atuação social da família Thomas desvela como essas ações legitimaram sua presença na cidade aos olhos dos moradores, como indicado nos processos de construção de memória de Thomas Joel Thomas e Renato Braga Vieira, mas também os levou a tensões com os poderes locais.

A metodologia da História Oral nos torna possível acessar as “histórias dentro da história” (ALBERTI, 2014, p. 155), encontrando colaboradores que estiveram em contato com o missionário Clinton Thomas. A trajetória de Clinton Thomas e Phyllis Thomas, e seus três filhos, nos dois países; as ações missionárias em três estados do Brasil; a atuação médica, educacional e mecânica; a influência na sociedade urucaraense, suas relações com outros missionários e com sacerdotes, as relações de poder, seu protagonismo sobre o mercado religioso dominado pela Igreja Católica, a permanência da igreja após sua saída, e outras problemáticas: essas e outras questões podem ser levantadas, apontando as possibilidades de pesquisa, e que poderão ser conhecidas através das narrativas dos próprios amazônidas, sobre aquilo que viveram e compreendem sobre e a partir de si.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 155-202.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

BEZERRA, César Aquino; SILVA, Júlio Cláudio da. Oralidade e Memória na Pan-Amazônia: a trajetória de Clinton Thomas entre os EUA e o Brasil e a Igreja de Cristo em Urucará-AM (1956-1996). *In: Anais do 3º SISCULTURA Seminário Internacional Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia*. Manaus: EDUA, 2018a. v. 3. p. 1151-1165.

BEZERRA, César Aquino; SILVA, Júlio Cláudio da. História Oral e Memória: Clinton Thomas e a Igreja de Cristo em Urucará. *In: Anais IV Encontro Estadual de História: ensino de história no Amazonas, democracia e desigualdades*. Manaus: UFAM, 2018b. p. 96-108.

CAMPOS, Pe. Manuel do Carmo. A decadência do catolicismo popular na região parintinense (1955-1975). *Revista de Cultura Teológica*. 1995, p. 109-117.

CARVALHO, Sandro Amorim de. **O povo do livro: uma história da inserção do protestantismo em Manaus (1888-1944)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2015.

CERQUA, Dom Arcângelo. **Clarões de fé no Médio Amazonas**. 2ª ed. Manaus: ProGraf-Gráfica e Editora, 2009.

FERREIRA, Marietta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. *In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.) Novos domínios da história*. Rio de Janeiro; Elsevier, 2012. p. 169-186

HOLLAND, Clifton L. **Encyclopedia of Religious Groups in Latin America and the Caribbean: Religion in Brazil**. Programa Latinoamericano de Estudios Sociorreligiosos (PROLADES). Costa Rica: PROLADES, 2017.

LOPES, João da Silva. **Sociedade, relações de poder e religiosidade no Alto Rio Negro a partir das representações de Dom Frederico Costa**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010.

MACIEL, Elisângela. **Igreja de Manaus: porção da Igreja Universal: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926)**. Manaus: Editora Valer, 2014.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia**. Belém: Cejup, 1995.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular. *Revista Norte Ciência*, vol. 2, nº 1, p. 1-26 (2011).

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. *In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.) Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 21-36.

OLIVEIRA, Liliane Costa de; PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. Estudo das relações sociopolíticas e religiosas em comunidades rurais da Amazônia. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Ano XI, n. 33, janeiro/abril 2019, pp. 51-70.

OLIVEIRA, Liliane Costa de; PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. Os primeiros

passos do Protestantismo na Amazônia. *In: Estudos de Religião*, v. 31, n. 2, maio-ago. 2017, p. 101-125.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. Sempre existe uma barreira: A arte multivocal da história oral. *In: Ensaios de história oral* [seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago]. Tradução: Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 19-35

SILVA, Francisco Gomes da. **Cronologia Eclesiástica de Itacoatiara**. Manaus: Gráfica Ziló, 2018.

SILVA, Júlio Claudio da (Org.). **História oral, memória e interdisciplinaridade na Amazônia**. Manaus: UEA Edições, 2016.

TORRES NETO, Diogo Gonzaga. **A Ética Protestante e o Espírito da Amazônia: Os escritos, pensamento e a obra missionária adventista de Leo B. Halliwell**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2019.

## **ANEXOS**

Figura 1: Urucará. Google Maps, 2018.



Figura 2: Clinton e Phyllis Thomas, s/d, em Urucará. Acervo Thomas J. Thomas/cedido ao pesquisador.





Figura 3: Templo da Igreja de Cristo em Urucará, s/d. Acervo Thomas J. Thomas/cedido ao pesquisador.



Figura 4: Templo da Igreja de Cristo em Urucará. BEZERRA, 2017.

